

PERCECIONANDO RITOS DE CONSAGRAÇÃO E DE RECONSAGRAÇÃO NUMA ÁREA HABITACIONAL DO CRASTO DE PALHEIROS (MURÇA) NA IDADE DO FERRO

DULCINEIA PINTO*

MARIA DE JESUS SANCHES**

Abstract: *Starting from the archaeological and archaeographic data, we'll put forward an interpretation of a consecration rite and of a possible re-consecration of the settlement of Crasto de Palheiros (Iron Age). We'll focus on the foundational rite of the housing area of the Eastern Exterior Embankment (around the 6th/5th century BC) and on its recurrent re-consecration until the end of the settlement, at the turn of the Era. Taking both as depositional acts, we will proceed with their integration in the history of the settlement and in the worldview of the respective Iron Age community, especially regarding socio-political relations with other communities/villages and with the surrounding territory through which information and ideas would be exchanged sometimes coming from far away. Foundational and/or consecration acts and those of re-consecration of the housing area of the Outer Embankment seem to weave a network related to traditions, genealogy, territory and aesthetic currents, central to the socio-political maintenance of this community.*

Keywords: *Foundational rite; Consecration; Iron Age; North of Portugal.*

Resumo: *Partindo dos dados arqueológicos e arqueográficos, propomos uma interpretação de um rito de consagração e outro de possível reconsagração do Crasto de Palheiros na Idade do Ferro. Centramo-nos no rito fundacional da zona habitacional do Talude Exterior Leste, ocorrido por volta do século VI/V a. C. e tratamos, também, da reconsagração recorrente da mesma área até ao final do povoado, na viragem da era. Sendo ambos atos deposicionais, procederemos à sua integração na história do povoado e na mundividência da respetiva comunidade da Idade do Ferro, mormente no que respeita às relações sociopolíticas com outras comunidades/povoados e o território envolvente, através das quais se trocariam informações e ideias, por vezes vindas de longe. Os atos fundacionais e/ou de consagração, e os de reconsagração da zona habitacional do Talude Exterior parecem urdir uma rede de informações relacionadas com tradições, genealogia, território e com as correntes estéticas, fulcrais na manutenção sociopolítica desta comunidade.*

Palavras-chave: *Ritual fundacional; Consagração; Idade do Ferro; Norte de Portugal.*

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho tem, como objeto de estudo, contextos específicos da ocupação da Idade do Ferro do Crasto de Palheiros escavados nas campanhas de 2002 e 2003. O Crasto é um sítio arquitetónica, geológica e topograficamente monumental localizado em Murça, no distrito de Vila Real, alvo de investigação desde 1995. É um sítio razoavelmente

* Escola Profissional de Arqueologia — Freixo: Marco de Canaveses. Email: dcbpinto@sapo.pt.

** CITCEM/Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Email: mjsanches77@gmail.com.

conhecido, pois foi objeto de várias teses de mestrado e uma de doutoramento¹, tendo sido continuamente publicado, até ao presente, em revistas e livros da especialidade (nacionais e internacionais), destacando-se, no conjunto, a monografia da escavação².

Apresentamos, de forma sumária, o faseamento cronológico, pois o nosso tema incide numa determinada zona do povoado, não requerendo uma compreensão da totalidade do faseamento, já descrita em pormenor noutros trabalhos³.

Os ritos de consagração, e os de provável reconsagração, são analisados e interpretados do ponto de vista arqueológico tendo em conta os objetos e seus contextos, os gestos envolvidos e a sua cadência, sendo ainda discutidas as possibilidades de significação dos próprios ritos.

Por último, a temporalidade e espacialidade dos ritos é tida em conta na compreensão desta comunidade da Idade do Ferro e sua integração na narrativa histórica regional.

2. RESENHA DO FASEAMENTO CRONOLÓGICO DO CRASTO DE PALHEIROS

O Crasto de Palheiros apresenta, de modo resumido, duas fases de ocupação principais, denominadas de I e II-III. A fase I ocupa aproximadamente o III milénio a. C. e corresponde à monumentalização do morro no Calcolítico⁴. Segue-se uma interrupção na ocupação do local até c. de 900/800 a. C. (início do I milénio a. C.), quando o sítio volta a ser ocupado (fase II).

Esta ocupação correspondente à Idade do Bronze (fase II) deixou poucos vestígios estratigráficos, podendo, tal facto, dever-se a vários fatores. Porém, através dos indicadores específicos do estado de conservação dos estratos⁵, verificamos que a ocupação da Idade do Bronze se teria caracterizado pela impermanência. Neste sentido, os espaços podem ter sido eventualmente ocupados de forma sazonal, ou permanente, mas de curta duração, embora com pouca apropriação espacial, se comparada com a fase precedente (calcolítica) ou com a que lhe sucedeu. Contudo, devemos também ter em conta que a fase de ocupação posterior (fase III) da Idade do Ferro, iniciada por volta de 500 a. C., se caracteriza por ser intensiva, espacialmente abrangente e contínua. Tal facto alterou de modo significativo os estratos que estariam relacionados com as ocupações anteriores. Ora, a ocupação do Bronze Final é caracterizada por vestígios estratigráficos dispersos e pontuais na área leste e na área norte (terras carbonizadas e argilosas — possíveis lareiras e pisos e um pequeno murete pético)⁶, conjugando-se com recipientes cerâmicos

¹ PINTO, 2012.

² SANCHES, *coord.*, 2008.

³ SANCHES, *coord.*, 2008; PINTO, 2012.

⁴ SANCHES, 2016.

⁵ PINTO, 2012.

⁶ PINTO, 2012.

que, devido às suas características formais e decorativas, foram integrados na imagética própria da Idade do Bronze⁷. Esta ocupação terá sido realizada, provavelmente, de forma pouco consistente, executada sobre as construções pétreas calcolíticas, ou seja, sobre os extensos taludes que moldaram o sítio e o transformaram no monumento que podemos visitar hoje (Fig. 2). Estas comunidades da Idade do Bronze «perfuraram» alguns taludes e carapaças pétreas do período calcolítico, mas de um modo muito pouco incisivo.

A ocupação da Idade do Ferro começa no séculos VI-V a. C., sendo atestada por várias datas de carbono-14⁸. Foi identificada, neste seu momento inicial, em quase todas as zonas escavadas, mas somente datada em duas. As datas de radiocarbono são unânimes na datação das duas áreas com ocupação mais antiga num intervalo que se centra por volta de 500 a. C.: área habitacional do Talude Exterior Norte/Plataforma adjacente (Plataforma Inferior Norte), e área habitacional do Talude Exterior Leste/Plataforma adjacente (Plataforma Inferior Leste) (Fig. 1). No momento da escavação, cada uma destas áreas já não apresentava estratigrafias contínuas, uma vez que a ocupação continuada as subdividiu por um muro ou muralha. Foi o estudo das sequências estratigráficas, articulada com as colagens de cerâmicas e estudo tipológico deste material, que permitiu deduzir que ambas as áreas albergariam espaços habitacionais contínuos, embora em «escada», na adaptação à topografia do terreno. O mesmo estudo permitiu discernir ter sido a área habitacional do Talude Exterior Leste e Plataforma adjacente (Plataforma Inferior Leste) a mais antiga, já que, em todas as áreas e subáreas, as datas de carbono-14 se sobrepõem estatisticamente. Terá sido nesta área leste, e em particular na sua zona limítrofe exterior — que denominamos de área habitacional do Talude Exterior Leste por se ter encaixado estratigraficamente no talude calcolítico precedente (Figs. 1, 2, 3) —, que se desenvolveram os atos rituais de fundação⁹.

Com as comunidades da Idade do Ferro inicia-se uma nova fase de ocupação intensiva do local que exigiu alterações espaciais e implicou construções e destruições sucessivas. Esta ocupação define-se essencialmente como doméstica, sendo caracterizada por um conjunto de unidades habitacionais definidas por anteparos pétreos sub-circulares, pisos de argila e lareiras que se estende prioritariamente em duas plataformas, escavadas parcialmente na zona leste e norte.

Na Idade do Ferro, a adaptação da área leste para habitação implicou a destruição substantiva do talude calcolítico, onde foi construída uma zona aplanada (plataforma artificial) (Figs. 1, 2 e 3), usando os materiais (sedimentos, pedras e artefactos partidos) desse desmantelamento. Esta dedução baseia-se nos resultados de uma escavação em vala com quatro metros de largura e que, devido à potência estratigráfica de toda a área do talude, nunca pôde ser alargada. Deste modo, alguns dos resultados carecem de

⁷ PINTO, 2019a.

⁸ SANCHES, 2008: 48-49.

⁹ SANCHES, 2008: 48-49 e nota 17.

comprovação por alargamento da escavação, mas os que temos parecem-nos suficientemente precisos para sustentar a interpretação proposta.

A plataforma é sustentada exteriormente por um muro simples — tipo anteparo pétreo — que irá conter os solos de ocupação do talude. A ocupação terá sido iniciada através de um rito de fundação, ou seja, a consagração da zona habitacional, iniciando-se, assim, a ocupação doméstica que perdurará quase até ao abandono definitivo do local. Durante a ocupação, terão ocorrido, a nosso ver, outros atos de reconsagração nesta área habitacional do Talude Exterior Leste/Plataforma Inferior Leste, sendo, também, objeto de exposição neste artigo (Figs. 1, 2, 3).

A ocupação da Idade do Ferro dura cerca de quinhentos anos, nos quais ocorrem transformações arquitetónicas, de maior ou menor vulto, normais e espectáveis num povoado e, por fim, este é abandonado por volta do final do século I d. C.

O abandono definitivo do local ocorre após eventos dramáticos e construções de grande vulto (muralhas na área norte). Um incêndio, ocorrido em cerca de 80 d. C.¹⁰, destruiu todas as unidades habitacionais de todas as zonas escavadas. Após este incêndio, os espaços são remodelados através da reestruturação das muralhas que foram alteadas e espessadas, sobretudo na área norte. As zonas habitacionais foram, neste momento terminal, reduzidas a uma área menor (intramuros), pois ambos os taludes externos mostram sinais de terem sido reconstruídos — foram recolocadas pedras e terra para que estes se articulassem com as muralhas. Porém, a ocupação ocorrida após o incêndio é de curta duração e deixou poucos vestígios além das muralhas reconstruídas. Podemos apenas intuir que as unidades habitacionais, a existirem, seriam semelhantes àquelas construídas durante toda a ocupação da Idade do Ferro, e o conjunto cerâmico estaria, também, em continuidade com o anterior.

3. CONTEXTOS, AÇÕES E ARTEFACTOS

Vamos referir-nos, agora, somente à área mais exterior da zona habitacional leste — Talude Exterior Leste, TEL —, aquela onde se detetou o que interpretamos como ritual fundacional. A ocupação da Idade do Ferro inicia-se aí com uma série de ações construtivas cujo objetivo seria de preparar o espaço preexistente (talude calcolítico) para uma ocupação de carácter doméstico. Estas ações consistiram na escavação do talude prévio e no nivelamento da sua zona central/média, dando origem a uma plataforma horizontal (Plataforma B), onde, posteriormente, foram estabelecidas as unidades habitacionais (Fig. 4). Desconhecemos a largura exata desta plataforma que foi detetada nos quatro metros de largura da área de escavação e se estende, de ambos os lados, sob a área não escavada. Teria assim quatro a cinco metros de eixo O-E e, no mínimo, quatro

¹⁰ SANCHES, 2008: 48-53.

a cinco metros no eixo N-S (Figs. 4, 5). Em termos de área, teria, como mínimo, 16 m², mas deveria ser superior, pois que se alarga sob o talude (não escavado) no seu eixo N-S.

A plataforma artificial B foi sustentada por uma construção pétreo semelhante a um muro/murete, sem facetamento externo, localizada no seu limite exterior — fazendo anteparo exterior, ou sustendo os estratos e os solos que viriam a ser ocupados, bem como estratos de construção e ocupação do próprio talude calcolítico. Esta construção pétreo cortou estratos calcolíticos e encostou noutros. De seguida, a plataforma foi nivelada através da deposição de um estrato de cascalho, com pedras de pequeno e médio porte, que serviu como caixa de ar e primeiro piso de circulação à ocupação doméstica em si, sendo este processo construtivo habitual nas restantes unidades habitacionais desta fase mais antiga. Porém, por razões que desconhecemos, este estrato de cascalheira não era aqui espacialmente contínuo, antes se concentrando em certas áreas. Já dentro da plataforma B, mas quase no limite interior do murete pétreo, foi identificada uma área de deposição compreendida como sendo os vestígios materiais de um rito fundacional ocorrido por volta do início dos séculos VI-V a. C., de acordo com as datas de carbono-14 já divulgadas¹¹.

A deposição é constituída por três recipientes, recuperados quase na totalidade dos seus fragmentos, e esta condição dos vestígios não se tornará a repetir em mais nenhum estrato de ocupação da Idade do Ferro.

3.1. Caracterização dos ritos — os momentos cerimoniais

O rito fundacional integrou um conjunto de gestos e de ações que tentamos compreender através dos vestígios materiais recuperados. Cremos que o conjunto de celebrantes (pessoas que conduziram o momento cerimonial) se reuniu numa área aplanada, ou em torno de uma área —área B — que a escavação mostrou ter como mínimo de 16 m². Provavelmente, terão assistido a esta cerimónia muitas outras pessoas que poderiam ter usado o talude e os desníveis e declives do terreno para observação/participação visual em «anfiteatro» (ainda que a visibilidade para o ato cerimonial pudesse ser reduzida), tal como procuramos mostrar com o esquisso da Fig. 6.

A cerimónia pode ter integrado um momento processional, de duração variável e circum-ambulatorio (em volta do perímetro do povoado), culminando o final deste percurso na área leste, sendo semelhante a práticas religiosas de alguns povos da Idade do Ferro¹². Independentemente da existência ou ausência deste momento processional (que não podemos comprovar), os «celebrantes» e público deveriam ter realizado a sua aproximação física à plataforma anteriormente construída (acima descrita).

¹¹ SANCHES, 2008.

¹² TENREIRO-BERMÚDEZ, MOYA-MALENO, 2018.

Numa área que teria, por mínimo, 16 m² (ver atrás e Fig. 5), teria decorrido uma cerimónia que integrou áreas de combustão onde foram depositados objetos. A área cerimonial seria, a nosso ver, relativamente grande. Incluía, também, várias unidades estratigráficas — aqui denominadas de Lxs —, nomeadamente um estrato de cascalheira (Lxs. 146 e 147, nos quadrados E'16 e F'16). Este estrato era algo descontínuo (não se estendia de modo homogéneo por toda a plataforma), e ali assentava, já de modo contínuo, um estrato de terra argilosa, muito fina e compacta (Lx. 151), que interpretamos como um « piso de circulação ». Ambos os estratos (de cascalheira e terra argilosa) configuravam o *interface* estratigráfico entre a ocupação calcolítica e aquela da Idade do Ferro. Mas é também entre estes dois estratos que vão ocorrer as deposições de três vasos, sendo que o de terra argilosa os cobriria/ocultaria. Assim, no estrato de cascalheira espacialmente localizada (ver Fig. 5-2) depositaram-se mais algumas pedras de dimensão média e um recipiente partido (recipiente 474), embora não saibamos (pela estratigrafia e distribuição espacial dos estratos) se terá sido imediatamente antes ou após os restantes dois recipientes (475 e 476), de que falamos a seguir. Com efeito, a cerca de um metro, em E'15 e F'15 (na linha de divisão entre um quadrado e o outro), por entre e sobre o supracitado estrato de terra argilosa (Lx. 151) definia-se uma mancha de terra queimada e carvões, que denominamos de estrutura de combustão (Lx. 151.1). Aqui foram depositados dois recipientes (475 e 476). Por sua vez, um anel de fogo terá rodeado a plataforma construída no seu limite exterior (registada na base do estrato/contexto Lx. 139). Este perímetro exterior foi sendo aumentado e reformulado ao longo da ocupação, com uso frequente de fogo (Fig. 5), pelo que o estrato carbonoso (139), entremeado com pedras e lenticulas de argila documenta outras ações além daquela fundacional (Fig. 8).

A cerimónia terá integrado vários conjuntos de gestos que revelam a complexidade do momento cerimonial. Apresentamos uma hipótese interpretativa da cadência desses gestos a partir dos vestígios encontrados. Num primeiro momento, foi acesa uma pequena fogueira (sobre sedimentos argilosos) com cerca de sessenta centímetros de diâmetro (embora as terras enegrecidas se espalhem por um arco de que atinge um metro), que corresponde ao estrato/contexto 151.1.

Com o lume aceso, os celebrantes terão colocado os recipientes 475 e 476 na fogueira, provavelmente com algum conteúdo, que ainda não comprovamos por análises cromatográficas. Os fragmentos destes estavam algo misturados em algumas áreas (da mancha, entre os quadrados E'15 e F'15), mas separados noutras, indicando, provavelmente, uma colocação lado a lado.

Podem os recipientes terem sido quebrados intencionalmente no local, ou somente os deixaram quebrar pela ação do fogo; em qualquer das situações, deixando intencionalmente os fragmentos sobre o fogo, e não os removendo posteriormente. A disposição dos fragmentos e a conservação das terras queimadas e carvões sob e por entre os fragmentos são um forte indicador de que o lume ainda estava « vivo » no momento de deposição (Fig. 7).

Ao lado desta área de combustão, foram enterrados os fragmentos do recipiente 474 por entre as pedras do estrato espesso de uma cascalheira espacialmente delimitada em escavação: Lxs. 146/147. Os fragmentos encontravam-se mais dispersos do que no caso anterior, surgindo a par de outras pedras de pequeno porte, e distribuindo-se concretamente pelos quadrados E'15, E'16, F'15 e F'16 e por diversos estratos (Lxs. 146/147, 151 e 139) – ainda que o maior número de fragmentos do recipiente se concentrasse nos estratos 146 e 147 (que consideramos ser o mesmo estrato/estrutura de cascalheira), e, residualmente, ocorriam nos restantes — 151, 139 —, que lhe são adjacentes. Este estrato de cascalheira, com cerca de um metro de largura, configura-se como parte do limite da plataforma; poderia ter sido sujeita igualmente a uma combustão de lenha, pois todos estes sedimentos revelaram a presença de carvões. Contudo, a densidade de carvões e terras enegrecidas nos estratos/Lx. 151.1 é muito maior do que aquela dos Lxs. 146 e 147.

Desse modo, em termos arqueológicos, não temos dúvidas sobre: a) a deposição de fragmentos de um recipiente (474) numa área de cascalheira, sendo esta, simultaneamente, e do ponto de vista arquitetónico, o estrato fundacional da plataforma habitacional; b) a colocação deliberada de dois recipientes inteiros numa pequena fogueira, estando esta em processo de combustão. Um estrato de terra argilosa terá coberto este conjunto. Foi principalmente sobre estes dados que construímos a nossa interpretação.

Os fragmentos dos recipientes 475 e 476 não foram recuperados na totalidade aquando da escavação. Tal facto pode dever-se a diversas razões das quais enumeramos algumas. A maioria dos fragmentos é lisa e, por isso, a sua identificação nos diversos estratos é difícil de discernir. Desse modo, alguns fragmentos destes recipientes podem estar armazenados. É muito provável que alguns fragmentos possam ainda fazer no sítio, sob o talude não escavado, em zonas adjacentes à vala de dois metros de lado escavada. Na realidade, a lareira do contexto 151.1 encontrava-se no limite lateral da vala de escavação, sendo provável que alguns fragmentos e outros vestígios estejam ainda no sítio. Por último, o restauro dos três recipientes não utilizou todos os fragmentos recuperados e identificados (como podemos observar nas fotografias) por impossibilidade técnica do próprio restauro — alguns fragmentos estavam muito deteriorados e deformados e outros com arestas pouco vivas e/ou de pequeníssimo tamanho. É pertinente referir aqui que estes três recipientes são tipologicamente peculiares em relação aos restantes identificados no povoado, o que revela a sua singularidade. São, também, os únicos cujo perfil, através de colagens, é reconstituído na totalidade, tendo fragmentos em continuidade desde o fundo até ao bordo, o que não se verifica no conjunto dos cerca de mil bordos e quinhentos fundos recuperados neste povoado.

No estrato 151, foram identificados um dente de boi doméstico e um dente de porco/javali; no 146, um osso longo de boi doméstico e, no 139, dentes de boi doméstico e de ovino caprino, bem como ossos longos de ambas as espécies. Tal facto abre

a possibilidade de que o rito tenha integrado os restos destes animais, muito provavelmente após o seu consumo, já que os dentes são as partes que melhor se conservam¹³.

A análise antracológica de recolhas junto do recipiente 474 (Lx. 146) revelaram um predomínio de urze, carvalho e medronheiro. A recolha junto dos recipientes 475 e 476 revelou um predomínio de urzes e medronheiro, seguido de estevas (*cistaceae*)¹⁴, espécies relacionadas com a flora mediterrânea.

Após a deposição dos recipientes e da composição com pedras do nível de cascalheira, os celebrantes terão coberto estas áreas com alguma terra argilosa solta (comum no local). Sobre esta deposição, decorrerá a ocupação doméstica da Idade do Ferro, mas esta não irá jamais perturbar a deposição antes realizada. Posteriormente, terá sido construído um pequeno espaço subcircular ladeado por pedras de médio porte, já integrado na fase de ocupação posterior (fase III-2)¹⁵ espacialmente articulado com a área deposicional. Com efeito, o limite desta estrutura pétreia (Lx. 119, 120, 121) sobrepõe-se à área de deposição dos dois vasos (475 e 476) parecendo subsistir a memória do que subjazia enterrado sob uma camada de terra argilosa.

A cerimónia terá terminado com um incêndio centrado no limite periférico da plataforma, configurando-se como um anel de fogo que rodeia e protege a «futura» área habitacional (Figs. 5 e 8). Os limites da plataforma que correspondem ao limite do quadrado F'16 (e Lxs. 146 e 147), nos quadrados G'15 e G'16 (Fig. 5), são compostos por um claro anteparo de pedras de grande e médio porte intercaladas por terras muito enegrecidas (contexto 139). Dada a potência de terra queimada e carvões por sobre, por sob e por entre as pedras deste anteparo, colocamos a hipótese interpretativa de que o limite exterior da plataforma tenha sido incendiado de forma recorrente (e talvez cíclica), perpetuando os objetivos do rito fundacional, no que denominamos de recon-sagração. Tenreiro-Bermúdez refere essa necessidade cíclica de revitalizar poderes apotropaicos¹⁶ que aqui se revelariam nos vestígios arqueológicos. De facto, o limite incendiado da plataforma (Lx. 139) configura-se como um estrato de razoável potência podendo indicar vários ciclos de incêndio (Pinto, 2012, vol. 1, estampa XIII). Dentro desta hipótese interpretativa, a última recon-sagração da área habitacional terá integrado uma área de combustão de tendência subcircular, contexto denominado de Lx. 142.1, e datado por carbono-14 do século I a. C. ao I d. C.: amostra Sac-1971¹⁷. Esta área de combustão, dispersa e de difícil caracterização (embora na Fig. 5 simule ser concentrada), localizava-se espacialmente a meio do «talude calcolítico» (quadrados H' e J')

¹³ Segundo quadro de fauna por contextos (não publicado), elaborado por de M. J. Sanches e Pedro Rafael Morais. Este teve por base as identificações arqueozoológicas de cada amostra, realizadas por J. L. Cardoso (ver também CARDOSO, 2005).

¹⁴ SANCHES, 2008.

¹⁵ PINTO, 2012: vol. 1, estampa XI.

¹⁶ TENREIRO-BERMÚDEZ, MOYA-MALENO, 2018.

¹⁷ SANCHES, 2008: 48, quadro 4.

e no seio de um estrato argiloso de cor amarelo-escuro, que se sobrepunha à construção calcolítica (pedras imbricadas, por vezes em arco, que formavam estruturalmente os anteparos do talude calcolítico). Este estrato argiloso encontrava-se fora da plataforma habitacional e apenas em relação topográfica e estratigráfica horizontal com o espesso contexto do anteparo da área habitacional da I Ferro, de que temos vindo a falar — Lx.139. Na área alargada de combustão, foram recuperados alguns objetos metálicos (descritos no subcapítulo 3.2.) e alguns fragmentos cerâmicos muito pequenos, alguns com marcas de concreções metálicas fruto da deterioração dos artefactos metálicos que jaziam lado a lado e sobrepostos com eles.

A esta possível reconsagração seguiu-se o encerramento da área habitacional do talude, ou seja, deu-se a retração do povoado Crasto nesta área para dentro do Recinto L (recinto murado). Este encerramento consistiu na colocação algo organizada de pedras e terra (que encontramos em algumas áreas já destruídas pela passagem dos agricultores) sobre toda a área previamente aberta (habitacional), sendo assim «refeito» na sua forma, o primitivo talude. Deste modo, o estrato/estrutura alargada de combustão 142.1 permaneceu, também, resguardado de destruições posteriores.

3.2. Caracterização dos objetos depositados

Os recipientes que compõem o rito fundacional são três, dois lisos e um decorado — 475, 476 e 474 respetivamente —, possuindo características diferenciadas, como podemos constatar na tabela seguinte (Tabela 1, Fig. 5). A caracterização das pastas foi publicada em 2012¹⁸, e, desse modo, não iremos expor o processo de análise em pormenor. O importante a reter é que a pasta I está presente em ambas as fases de ocupação do Crasto de Palheiros (calcolítica e da Idade do Ferro), não sendo possível distinguir a olho nu quais dos fragmentos com esta pasta seriam de cada uma destas fases. A VI é exclusiva da Idade do Ferro, configurando-se como uma pasta que revela uma manufatura específica deste período. E, por último, a pasta X é quase exclusiva da fase calcolítica porque se relaciona, maioritariamente, com recipientes e decorações calcolíticas; é residual o número de recipientes da Idade do Ferro realizados nesta pasta — cerca de 1%.

¹⁸ PINTO, 2012.

Tabela 1. Descrição dos recipientes do ato deposicional

Número de recipientes	Número de fragmentos	Contexto (Lxs/Ues)	Pasta	Diâmetro da boca	Capacidade (litragem aproximada)	Cor	Tratamento de superfície externo	Tipo formal
474	151	139, 146, 147, 151	X	100 mm	4,40 L	Vermelho	Polido	B19
475	70	151.1	VI	130 mm	2,38 L	Preto	Rugoso	7a
476	20	151.1	I	110 mm	0,52 L	Branco/cinza-claro	Polido	6b

Os recipientes cerâmicos, ou seus fragmentos, que poderiam ter acompanhado a reconsagração da área habitacional do Talude Exterior Leste — patente nos estratos com carvão do limite interior e, sobretudo, exterior da plataforma, apresentavam-se muito dispersos e incompletos (tal como no resto do povoado). Além disso, na escavação não foi utilizada uma metodologia de referenciação sistemática conducente à sua posterior remontagem. Os fragmentos, predominantemente lisos, e dos quais não foi possível reconstituir um terço do recipiente, indicam, porém, que a possível deposição de recipientes, a ter existido, nunca se terá igualado à do rito fundacional. Contudo, a reconsagração do talude incluiu, a nosso ver, o incêndio, repetido, do limite da plataforma e seu anteparo pétreo (contexto 139). Num momento terminal, uma estrutura de combustão (Lx. 142 e 142.1, Fig. 5) adjacente ao anel de fogo do anteparo pétreo, parece fazer parte de um desses ritos de reconsagração. Continua quatro artefactos metálicos cuja descrição está na Tabela 2.

Tabela 2¹⁹. Descrição dos artefactos metálicos presentes na reconsagração do talude

Contexto	Descrição formal	Tipo de metal
Lx. 142	Anilha – objeto com aro circular, de secção retangular e furo alargado. Aparece ser uma anilha «achatada». Peso 4,334 gramas	Liga de/ou cobre
Lx. 142	Anzol – tira de secção quadrangular com cerca de 64 milímetros de comprimento, apresentando um dos extremos dobrados sobre si mesma e com uma ponta afiada. Peso: 8,509 gramas	Liga de/ou cobre
Lx. 142	Fíbula – fíbula de apêndice caudal (tipo transmontano) completa. Apresenta no arco decoração filiforme e de estilo vegetalista. Peso: 15,573 gramas	Liga de/ou cobre
Lx. 142.1	Fíbula – fíbula de aro aberto em forma de ômega, com remates cilíndricos decorados com remates anelados. Peso: 10,236 gramas	Liga de/ou cobre + vidro

¹⁹ Dados presentes na monografia do Crasto de Palheiros (SANCHES, 2008).

3.3. Comparação dos recipientes presentes no rito cerimonial e aqueles presentes nos estratos de ocupação

«Pela exploração de uma imagem, o passado longínquo ressoa em ecos e não se vê mais em que profundidade esses ecos vão repercutir e cessar²⁰.» Entendemos o conjunto dos recipientes presente no rito fundacional com uma imagem poética, na definição de Bachelard onde o sujeito (ou a coletividade, como sujeito) tem de se entregar a ela sem reservas, pois, de outro modo, não entrará no seu espaço poético²¹. Aqui, nesta deposição, são sujeitos os celebrantes, mas são também todos aqueles que estiveram presentes na escavação de 2002 quando estes vestígios foram exumados. Desse modo, urge compreender os processos de criação desta imagem, o que ela evoca e como foi entendida durante a ocupação da Idade do Ferro, não comonexo de causalidade, mas de repercussão. Estes recipientes não são uma amostra estatística fidedigna do conjunto cerâmico da Idade do Ferro, por isso, como veremos, são uma escolha. Configuram-se como uma imagem poética, um «querer-ser», também ele estético (e, naturalmente, ideológico), por parte da comunidade da Idade do Ferro.

O conjunto cerâmico articulado contextualmente com os primeiros séculos de ocupação da Idade do Ferro, século VI-V ao IV-III a. C. (fase III-1)²², na zona habitacional aqui referida (do TEL), revela uma proporção dos recipientes por pasta muito diferente daquela da deposição do rito fundacional. Assim, 41% dos recipientes são de pasta III, 30% de pasta I, 9% de pasta VI e 6,5% de pasta X. Deste modo, é evidente uma presença muito reduzida de recipientes de pasta VI e X, a mesma que, na deposição, tem uma importância estatística semelhante àquele de pasta I. Podemos verificar, ainda, que para a deposição foi escolhido o recipiente 475 cuja pasta vai ganhar importância crescente ao longo da ocupação da Idade do Ferro, chegando a atingir 30 a 40% dos recipientes nas ocupações mais recentes do sítio. No limite oposto, temos o recipiente 474, cuja pasta é residual em todos os contextos da Idade do Ferro, ainda que, durante esta fase ocupacional mais antiga, e, sobretudo, na área habitacional do talude (TEL), revele uma presença semelhante à de outras pastas (como a VI). Temos de referir que nos estratos referentes a esta primeira fase de ocupação no TEL, a presença de fragmentos calcólicos é de cerca de 30%, e a presença de bordos calcólicos é de 45%. Assim, um terço dos fragmentos e 45% dos bordos são calcólicos, o que demonstra que a ocupação da Idade do Ferro usa sedimentos da ocupação calcólica, gestos explicados, sobretudo, pela reutilização das terras do corte do talude e subsequente construção da plataforma habitacional no mesmo espaço. A semelhança entre pastas cerâmicas calcólicas e da Idade do Ferro, a distribuição diferenciada de bordos e decorações calcólicas

²⁰ BACHELARD, 1978. Original de 1957, *La poétique de l'espace*, contudo, a obra traduzida e usada é de 1978, presente na bibliografia.

²¹ BACHELARD, 1978.

²² PINTO, 2012.

em estratos da Idade do Ferro²³, e as características dos recipientes depositados neste rito, levam-nos a crer que a comunidade da Idade do Ferro era consciente de que o local teria já sido habitado e, quiçá, integraria tal ocupação em alguma das narrativas do seu próprio passado.

Contudo, apesar do conjunto cerâmico no seu todo e ao nível das pastas revelar discrepâncias importantes, os três recipientes que são os protagonistas deste texto concenam todas as tradições estéticas²⁴ que nortearam esta comunidade da Idade do Ferro. Deste modo, o recipiente 475 de perfil em «S» e manufaturado em pasta VI, integra-se na tradição das comunidades da Idade do Ferro regionais, residindo a sua criatividade na faceta tecnológica; ou seja, reflete a criação, algo *ex novo* — a manufatura de novas pastas cerâmicas (VI e VIII) que se diferenciam das anteriores²⁵. O recipiente 474 de forma «em saco», colo estrangulado, fundo plano e decorado com incisões profundas — sugerindo antropomorfos de mãos abertas em abraço do gargalo —, remete para uma tradição que vem da Idade do Bronze, revelando fundo plano e, sobretudo, uma opção estética pelas decorações no colo e por uma conjugação unitária entre forma e decoração²⁶. Este recipiente é aquele que apresenta uma pasta mais tradicional e uma forma que reencaminha/direciona visualmente para a Pré-História, nomeadamente para alguns recipientes do Neolítico antigo peninsular (mas que tem fundo convexo), como aqueles presentes em Monte da Vinha, Santarém e Cartaxo²⁷, ainda que não encontremos, por ora, explicação interpretativa para tal semelhança. De facto, uma das tendências estéticas da Idade do Bronze no norte de Portugal integrará uma evolução formal dos recipientes para formas cada vez mais de perfil em «S» e colo estreito (a par de fundos planos). Uma tal evolução é plausível e até expectável. Contudo, o exagero formal deste recipiente (forma em saco e colo estrangulado) pode ser o produto de múltiplas influências, nomeadamente das mediterrâneas que terão chegado, por certo, pela extensíssima bacia do Douro e sua ligação geográfica a outras bacias peninsulares (como a do Tejo). O mundo mediterrâneo da Idade do Ferro, tanto grego como fenício, incorpora formas semelhantes a este recipiente, diferindo, porém, nas pastas e decorações. Igualmente ao Crasto de Palheiros chega um *krater*²⁸, presente na área habitacional leste durante esta primeira fase de ocupação da Idade do Ferro. Assim, a mundividência mediterrânea é localmente compreendida também a partir deste tipo de recipientes cerâmicos. Este recipiente decorado do Crasto (474) agrega em si correntes estéticas que, tal como o nome indica, são fluxos que permeiam os conceitos estéticos destas comunidades do norte interior de Portugal.

²³ PINTO, 2012.

²⁴ PINTO, 2019a.

²⁵ PINTO, 2019a.

²⁶ PINTO, 2019a.

²⁷ CARVALHO, 2011.

²⁸ PEREIRA, 2007.

Assim, estamos na presença de uma pasta tradicional pré-histórica e de uma forma que pode ser um produto imaginativo de um artífice da Idade do Ferro, influenciado pela sua própria mundividência, em todo o caso, comunitariamente aceite e enaltecida. Podemos, evidentemente, colocar ainda a hipótese de este recipiente tão peculiar poder ter sido uma relíquia, resultante de trocas entre comunidades locais que, por tão mal conhecidas na região, se desconhecem os aspetos mais básicos da sua cultura material pré-romanização.

O recipiente 476 de forma globular e com pasta de tradição pré-histórica remete para uma tradição que tem a sua raiz na Pré-História regional, nomeadamente no período calcolítico. Esta tradição agrega as pastas I, III e VII (semelhantes a olho nu a pastas pré-históricas como a X); formas globulares e decorações a *pente* ou incisas com padrões que remetem para a Pré-História local²⁹. Este recipiente 476 apresenta uma forma e uma pasta concordante com uma tradição mais antiga, ainda que sem decoração. Nomeadamente, uma que se relacione com esta tradição da Idade do Ferro local, ou seja, uma decoração a *pente* (*peinadas* ou *a peine*, no dizer dos investigadores espanhóis) e que aqui usamos, tal como Raquel Vilaça³⁰, para as distinguir da formulação da decoração penteada calcolítica. Este recipiente é liso e tal não deve ser entendido como mera coincidência, devendo relacionar-se no Crasto com o percurso estético e cronológico-cultural das cerâmicas decoradas a *pente* da tradição mesetenha³¹.

Nesta imagem poética e simbólica, configurada por estes três recipientes, apenas um é decorado revelando um «querer-ser» do conjunto cerâmico. Ou seja, nos estratos correspondentes à fase III-1 na área habitacional do TEL foram recuperados 34 fragmentos decorados da Idade do Ferro que configuram quinze decorações autónomas, ou possíveis recipientes decorados. Desta mesma fase, foram reconstituídos 43 recipientes. Assim, o balanço da relação entre decorações e recipientes (bordos) encontra-se entre 26 e 34%³². Como podemos constatar, a relação entre fragmentos decorados e bordos exumados é semelhante à relação presente no conjunto dos três recipientes aqui retratados. Deste modo, o conjunto de três parece revelar em termos proporcionais os modos de fazer/conformar e decorar que caracterizam culturalmente o grupo (ainda que tal possa ser uma projeção, um ideal), e que se fará sentir durante a primeira fase de ocupação da Idade do Ferro.

Relativamente à capacidade dos recipientes envolvidos no rito fundacional (Tabela 1), entendemos que a litragem do recipiente 476 (0,52 litros) se enquadra no consumo de comida ou bebida em dose individual, e que a litragem dos recipientes 474 e 475 (4,4 litros

²⁹ PINTO, 2019a.

³⁰ Ver texto neste volume.

³¹ PINTO, 2019a.

³² Se todas as decorações pertencessem aos bordos recolhidos, então, 34% dos recipientes exumados seriam decorados (15/43); se nenhuma das decorações pertencesse àqueles recipientes (bordos), então, 26% dos recipientes seriam decorados (15/(43+15)).

e 2,38 litros, respetivamente) se enquadram na preparação ou distribuição de alimentos em doses familiares (para serem fracionadas em doses individuais)³³. A proporção relativa de recipientes destas litragens na fase III-1 não espelha a do ritual. Realmente, apenas 20% dos recipientes se enquadram na litragem maior (similar à dos recipientes 474 e 475) e 30% na menor (similar à do recipiente 476). De facto, no ritual, a importância conferida aos recipientes «redistributivos» é significativa, ultrapassando largamente a realidade observada na totalidade do conjunto da fase III-1, que interpretamos como refletindo o quotidiano. É também significativo que o recipiente 475 possua um bordo descaído e afunilado tendo como função um despejo mais funcional de líquidos. Deste modo, o estudo comparado da litragem dos recipientes presentes no ritual com aqueles da fase III-1 e a forma específica do recipiente 475 podem indicar gestos/ações de redistribuição de alimentos ou bebidas que a comunidade entendia como importante.

No que diz respeito à cor destes três recipientes (vermelho-escuro, preto e branco/cinzentado-claro) observamos, por um lado, as tendências de cor presentes no conjunto cerâmico com 28% de fragmentos de cor vermelha escura na superfície externa e 20% de fragmentos de cor preta³⁴ e, por outro lado, o cuidado na escolha de um recipiente de cor clara, sendo esta tonalidade minoritária no restante conjunto cerâmico.

Por último, dois terços das formas presentes no conjunto depositado no rito de fundacional irão ocorrer durante toda ocupação da Idade do Ferro; contudo, a forma do recipiente 474 não se repetirá.

Concluimos, de forma sumária, que existe uma relação estreita entre a realidade do conjunto depositado e aquela que ocorre durante a ocupação inicial do Crasto de Palheiros. Estes três recipientes, porventura porque já refletem, ainda que idealmente, a tradição, apontam uma direção para o conjunto cerâmico, sendo simultaneamente o exemplo das influências e da permeabilidade da cultura material da Idade do Ferro. Contudo, como imagem poética, ideal e ideológica que corporizam, serão a agência do momento, já que, se assumido o conjunto como narrativa, esta não se tornará a repetir em mais nenhum contexto exumado.

3.4. Os artefactos metálicos do contexto 142.1 e a sua relação com o conjunto de artefactos metálicos do Crasto

Cremos que os artefactos deste contexto — uma área de combustão — devem prioritariamente ser interpretados como deposições de reconsagração e menos como área de fundição, em vista da ausência de outros vestígios de atividade metalúrgica. De facto, tanto no estrato argiloso, Lx. 142, como na mancha dispersa de terras enegrecidas, Lx. 142.1, não foram identificados vestígios específicos de atividade metalúrgica, como tubeiras.

³³ PINTO, 2012.

³⁴ PINTO, 2012.

Foram identificados três fragmentos de escória nos Lxs. 142 e 139 (apenas um de sangrado) com um peso de 14% das escórias presentes na ocupação da Idade do Ferro do Crasto (vinte e dois fragmentos de escória no total). É de referir que a maior quantidade de escórias é encontrada dispersa na Plataforma Inferior Leste, mas todas as zonas de escavação apresentam fragmentos de escória, como os Taludes Externos Leste e Norte. Assim, a presença deste elemento por si só não é um fator de diferenciação contextual. A deposição dos artefactos metálicos e de alguns fragmentos cerâmicos ter-se-á feito numa área de tamanho reduzido (Fig. 5), em combustão ativa, correspondendo a uma fogueira realizada fora da plataforma B, mas no limite desta. Este contexto revela particularidades específicas: só integra 6% dos artefactos metálicos de todo o povoado³⁵. Ora, 60% dos artefactos metálicos exumaram-se em unidades habitacionais discretas preservadas pelo incêndio da fase final, 17% ocorrem em níveis de ocupação sem caracterização específica e 16% foram recolhidos em estratos superficiais, estando descontextualizados. Deste modo, o presente contexto destaca-se pelo seu conteúdo (quatro artefactos) e por não se relacionar com uma unidade habitacional discreta. Na realidade, esta reduzida área ocupacional em declive acentuado não permitiria nem atividade metalúrgica, nem a implantação de qualquer unidade habitacional a não ser que ali se tivesse construído uma plataforma. A ausência de outros vestígios específicos relacionados com a atividade metalúrgica (barro de revestimento, tubeiras ou escórias em quantidade significativa) conduz à nossa interpretação. Por outro lado, os artefactos escolhidos são peculiares, sendo que dois são fíbulas, uma das quais muito decorada.

Esta fíbula, de tipo transmontano, foi encontrada junto de um fragmento cerâmico muito carbonizado, apresentando concreções metálicas, que cremos relacionadas com as altas temperaturas atingidas na combustão e com a deterioração posterior (deposicional) do próprio metal. Como já referimos, foram exumados alguns fragmentos cerâmicos com concreções metálicas e carbonizados, indicando que a deposição da reconsagração agregava não só artefactos metálicos como alguns fragmentos cerâmicos (ainda que estes não revelem a unidade daqueles presentes no rito fundacional). Neste sentido, a reconsagração apresentaria um conjunto artefactual mais díspar e fracionado do que aquele da consagração.

Os objetos deste povoado distribuem-se por várias categorias: adornos, objetos utilitários, armas, objetos votivos e indeterminados.

Na estrutura de combustão 142.1 estão presentes quatro artefactos metálicos, duas fíbulas, uma anilha e um objeto semelhante a um anzol. Estes últimos dois objetos integram-se nos objetos utilitários, e as fíbulas nos adornos. Os adornos perfazem 53% do conjunto de artefactos da ocupação e aqui possuem um peso semelhante (metade).

³⁵ PINTO, 2008; SANCHES, 2008: 143-147.

Os objetos utilitários perfazem 21% no conjunto total; contudo, na deposição perfazem metade dos objetos.

A fíbula de apêndice caudal, de tipo transmontano, apresenta uma ornamentação filiforme de temática vegetalista, sendo realizada por motivo «riscado» e relaciona-se com o mundo celtibérico³⁶. Apesar da datação por carbono-14 do Lx. 142.1. indicar momentos aproximados à viragem da era, esta fíbula integrar-se-ia, facilmente numa cronologia do século III/II a. C. Desse modo, é notório um certo arcaísmo artefactual que terá permanecido preso a antigas relações comunitárias com o centro /norte peninsular. Com efeito, no Crasto é notório o uso de fíbulas de apêndice caudal, com particular incidência nas de tipo transmontano³⁷.

A fíbula em ómega integra-se na cronologia apontada pelas datas de carbono-14 (109 BC-129 AD a 2 sigma)³⁸, revelando uma ligação com o mundo romano, destacando-se, ainda, por ser um objeto em cobre com uma cobertura em vidro, usual nesta cultura. Assim, as fíbulas indicam tempos e correntes diferenciadas que se destacam a nível cronológico, cultural e estético. A escolha de ambas para incorporar atos de recon-sagração com deposição remete para narrativas culturais, talvez inicialmente diferenciadas, mas aqui recompostas num ato singular.

4. SOBRE A TEMPORALIDADE E ESPACIALIDADE DOS ATOS RITUAIS

«Em seus mil alvéolos, o espaço retém o tempo comprimido. O espaço serve para isso³⁹.» Analisar o rito fundacional — consagração — do povoado da Idade do Ferro do Crasto de Palheiros é entrar no tempo comprimido, é encontrar um ato que agregou em si muitos tempos e que, por isso, merece ser apreendido atentamente.

As deposições intencionais de recipientes cerâmicos em povoados têm vindo cada vez mais a ser percecionadas e publicadas pela comunidade científica. De facto, deposições em povoados são já conhecidas no Calcolítico, como no povoado fortificado do Outeiro Redondo⁴⁰, bem como no Crasto de Palheiros. Aqui, fragmentos cerâmicos e parte de um movente de moinho foram intencionalmente inseridos no encerramento do Plataforma Superior Norte⁴¹, e uma outra pequeníssima estrutura subcircular (118) da Plataforma Inferior Leste foi selada tendo no seu interior, argila, carvões, um machado polido e um recipiente cerâmico quase completo)⁴².

³⁶ PINTO, 2008.

³⁷ PINTO, 2008.

³⁸ SANCHES, 2008: 48, quadro 4.

³⁹ BACHELARD, 1978.

⁴⁰ CARDOSO, 2011.

⁴¹ SANCHES, 2008: 116 e 117, foto II.6. e II.7.

⁴² SANCHES, 2008: 118, foto II.7.

No povoado fortificado do Outeiro Redondo, foram depositados dois recipientes, dispostos lado a lado — um globular e um prato — invertidos sobre o terreno, com a respetiva abertura voltada para baixo e encostados ao parapeito do talude. Aqui, esta deposição marca o encerramento do povoado e, desse modo, os recipientes virados para baixo podem significar a perda de finalidade de tais peças no quotidiano e corporizar o abandono definitivo daquele espaço, até então, residência dos vivos⁴³.

Na Idade do Bronze, nomeadamente no povoado da Cachouça, Beira Interior⁴⁴ foram depositados dois recipientes, dos quais um quase intacto e *in situ* na base e no limite do talude, onde a sua remoção implicaria a destruição do mesmo. Este depósito está associado à fundação do povoado, iniciando-se, assim, com ele, uma nova vida para o local.

A Idade do Ferro europeia encontra-se plena de exemplos sobre a criação, delimitação e proteção do espaço, seja este doméstico ou comunitário⁴⁵, ainda que a sistematização de tais comportamentos se configure difícil. Algumas das expressões simbólicas e rituais da Idade do Ferro do noroeste de Portugal, como a estatuária dos guerreiros ou determinadas construções, como os balneários, têm vindo a ser analisadas e integradas em narrativas onde a religiosidade destas comunidades é compreendida dentro de um quadro mais vasto de comportamentos próprios e acessíveis através da cultura material⁴⁶. Na Idade do Ferro transmontana são bem conhecidas as estátuas zoomórficas denominadas de «berrões» e extensamente estudadas na sua área nuclear de aparecimento, a Meseta Norte e Central⁴⁷. Estas estátuas são compreendidas dentro de um quadro comportamental de proteção, quer em relação aos povoados (onde aparecem, sobretudo, na área nuclear de ocorrência) quer em relação aos terrenos de cultivo ou pastagens (onde são também muito comuns, sendo esta localização percecionada como descontextualizada durante décadas de investigação). Contudo, é hoje opinião unânime de que os berrões se constituem como figuras tutelares de pastos numa visão mais integrada da paisagem, onde estes estariam inseridos e colocados de forma estratégica. Nesta interpretação, os berrões transformam-se numa espécie de marco territorial, imóveis na paisagem, constituindo-se como figuras que «permanecem», povoando o território⁴⁸.

Segue-se o Período Romano em que era comum toda uma série de rituais, por exemplo, aqueles relacionados com as portas — locais sagrados — que tinham de ser consagrados de forma recorrente. Bem como os marcos de propriedade nos quais se

⁴³ CARDOSO, 2011.

⁴⁴ VILAÇA, 2007.

⁴⁵ TENREIRO-BERMÚDEZ, MOYA-MALENO, 2018.

⁴⁶ BETTENCOURT, 2003.

⁴⁷ ÁLVAREZ SANCHIS, 1999.

⁴⁸ PINTO, 2019b.

realizavam oferendas anuais e os terrenos agrícolas que necessitavam de uma proteção extra e comunitária⁴⁹.

Contudo, a visão que aqui pretendemos apresentar, mais do que enquadrar o rito num quadro comportamental geral, pretende perceber os gestos e ações específicas desta comunidade. É construir a narrativa a partir do interior, da casa-povoado, o local onde a comunidade se reúne, vive a sua vida rotineira, ordinária, e constrói uma imagem de si mesma na sua relação com o exterior, seja real ou imaginado.

A importância do talude dentro do povoado — mas no limite exterior deste — é expressa pelo rito de fundação (contextos 151 e 151.1) e a sua consagração, repetida periodicamente (Lx. 139) através de cerimónias que envolviam a presença de fogo, é referida como tendo maior importância comunitária já anteriormente descrita com base noutras evidências⁵⁰. De facto, na área do talude leste dominam pequenos recipientes de perfil em «S» (forma 8b)⁵¹ que cremos serem utilizados no consumo de bebidas em encontros que envolviam comunidades exteriores. Ora, o Crasto de Palheiros tem uma configuração muito singular que permite a distinção topográfica e arquitetónica de espaços mais privados, uns, mais públicos, outros, dentro do povoado, que albergariam uma grande diversidade de práticas sociais. Uma de nós⁵² sugeriu que as festas comunitárias internas com calendário próprio relacionadas com a redistribuição de alimentos, fertilidade e cerimónias de iniciação teriam sido realizadas dentro do Recinto L, ou seja, na plataforma leste topograficamente acima do talude leste, delimitada por um murete (de pedra seca) e entrada monumental. Outras festas e encontros que juntassem líderes regionais, dar-se-iam porventura fora do Recinto L, na área do talude exterior leste. Por sua vez, a análise do conjunto cerâmico⁵³ permitiu perceber diferenças significativas desta área relativamente a outras, quer no que respeita à estética, quer à funcionalidade, esta deduzida da capacidade dos recipientes e das características das pastas cerâmicas. Os estudos referentes à flora e fauna do Crasto evidenciaram, de igual modo e também, diferenças entre os vários espaços que compõem o povoado⁵⁴.

Deste modo, o rito fundacional no talude exterior leste surge como uma imagem poética — no sentido de ideal — do conjunto cerâmico, como já foi referido, mas também como um indicador da força e do significado comunitário desta área habitacional. Por outro lado, a reconsagração cíclica do talude através de rituais de fogo ao longo da ocupação perpetua e reforça a consagração deste espaço urbano como área de suma importância na dinâmica comunal. De facto, esta reconsagração apresenta paralelos

⁴⁹ TENREIRO-BERMÚDEZ, MOYA-MALENO, 2018.

⁵⁰ PINTO, 2012; SANCHES, 2016.

⁵¹ PINTO, 2012.

⁵² SANCHES, 2016.

⁵³ PINTO, 2012.

⁵⁴ SANCHES, 2016.

com ações cíclicas de deposição de restos faunísticos em fossos de povoados da Idade do Ferro, identificados como lixeiras, que podem ser produto de sacrifícios vinculados a rituais cíclicos de reconsagração do espaço⁵⁵. São conhecidos também exemplos como os de Sanchorreja — onde restos de caldeirões de bronze são desfeitos e depositados em fossas à entrada do povoado —, ou como o do Castro de Sórban, em que foram escavadas terras carbonizadas e cinzas no antefosso e em dois fossos, acontecimento que o autor interpretou como resultado de uma atividade ritual que implicaria o acender do fogo com certa regularidade⁵⁶. No norte de Portugal, o sítio do Castelinho é paradigmático, pois, no seu fosso, foram recuperadas mais de quinhentas placas gravadas⁵⁷, provavelmente depositadas de forma intencional (não caoticamente caídas, mas acamadas), e, por certo, integradas em rituais cujo alcance contextual e social desconhecemos⁵⁸.

Lembramos que aquando do rito de fundação da área habitacional do talude leste, o povoado não apresentava muralhas, nem outros sistemas ditos defensivos; era um povoado aberto, ainda que a topografia e as construções calcolíticas tenham moldado de modo assertivo diferentes espaços. Assim, a muralha como elemento protetor na qual se realizam depósitos rituais como acontece em Terroso, Lago, Briteiros e Cividade de Âncora⁵⁹ não ocorre neste momento fundacional. Aqui, o ato fundacional relaciona-se com um espaço alargado, não depende nem está sujeito a uma construção (como uma muralha)⁶⁰ nem o seu objetivo se relaciona com a «proteção» dessa mesma construção. O ato fundacional configura-se-nos como um ato de extrema complexidade que conjuga uma vontade comunitária de demarcação territorial (entre outros fatores que tornaram necessário o rito), e, portanto, integra o povoado nos territórios que o rodeiam.

Estudos territoriais revelaram que as comunidades gentílicas da Idade do Ferro agregavam vários povoados e seus territórios. O Crasto de Palheiros faz parte de um núcleo de povoados que integra sítios do concelho de Alijó e Murça, localizando-se a leste da mancha desta dispersão, numa zona limítrofe daquela área⁶¹. Assim, é evidente um certo isolamento espacial da comunidade que habitava este local, vivendo no limite territorial do seu grupo e convivendo de forma permanente com um extenso território «vazio», do qual tinha de configurar-se como guardião territorial. Cremos que os territórios, que denominamos como «terra de ninguém»⁶², definidos pelos limites de vários núcleos de povoamento, estavam sujeitos a renegociações permanentes, disputas

⁵⁵ TENREIRO-BERMÚDEZ, MOYA-MALENO, 2018.

⁵⁶ TENREIRO-BERMÚDEZ, MOYA-MALENO, 2018.

⁵⁷ NEVES, FIGUEIREDO, 2015.

⁵⁸ SANCHES, 2016.

⁵⁹ LEMOS, CRUZ, 2008.

⁶⁰ Embora o muro do Recinto L pareça ter tido também um ritual fundacional, de âmbito funerário (SANCHES, 2008: 121, foto II.11).

⁶¹ PINTO, 2017.

⁶² PINTO, 2017.

e seriam, também, a causa de pequenos conflitos, podendo estes serem resolvidos através de encontros e festas comunitárias que foram enunciadas não somente para o ato fundacional, como para aqueles que decorreram ao longo da vida deste povoado⁶³.

Assim, o rito fundacional e a conseqüente consagração do talude são compreendidos como atos que se encontram além da vivência intracomunitária, que envolvem e atingem outras comunidades, marcando a sua posição social, e igualmente a validação da permanência do grupo naquele sítio associado à gestão de um território que, pela sua extensão, era, muito provavelmente, partilhado com outros.

A decoração do recipiente 474 sugere um tema antropomórfico onde estão presentes vários indivíduos, de braços e «mãos» dadas, representados por traços verticais e oblíquos. As representações de antropomorfos em recipientes cerâmicos estão presentes na Península Ibérica desde o Neolítico, particularmente na arte rupestre, onde estas figuras aparecem de braços alçados, em direção ao céu, interpretadas frequentemente como estando em atitude orante. A representação de figuras humanas com os braços erguidos é também um tema recorrente em culturas mediterrâneas, particularmente durante a Idade do Ferro peninsular, e parece ter surgido como reflexo de práticas funerárias, nomeadamente, dos cortejos fúnebres⁶⁴. Contudo, as representações antropomórficas, sobretudo no período cronológico que nos diz respeito, revelam bastantes variações, sendo a posição dos braços uma dessas variantes⁶⁵. De facto, as representações antropomórficas da Idade do Ferro devem ter sido influenciadas por várias correntes estilísticas presentes em diversos tipos de suporte, por exemplo, rocha, cerâmica, metais e outros materiais que possam não ter sobrevivido, como a madeira. A relação com o seu suporte é importante pois cada material potencia um determinado tipo de figuração. A visualização e compreensão dessas figurações e a sua cópia depende tanto da perceção do artista como da aceitação pela comunidade daquele tipo de código da mensagem. Parece certa, em determinadas representações antropomórficas da Meseta, uma ligação ao geometrismo mediterrâneo do I milénio a. C.⁶⁶. Contudo, a simplicidade de algumas figurações em cerâmica, quer neolíticas quer nesta que encontramos no recipiente da Idade do Ferro, remetem para uma estética muito mais simples presente na arte rupestre esquemática, em estelas⁶⁷ ou em placas. As placas da Idade do Ferro do sítio do Castelhinho⁶⁸ revelam uma figuração muito simples onde o traço, ou conjuntos de traços, sugere alguma importância visual.

⁶³ SANCHES, 2016.

⁶⁴ NARANJO, 2020.

⁶⁵ Ver imagens presentes em CARRASCO, 2018.

⁶⁶ ALMAGRO-GORBEA *et al.*, 1996.

⁶⁷ CARRASCO, 2018.

⁶⁸ NEVES, FIGUEIREDO, 2015.

Deste modo, os antropomorfos presentes no recipiente integrado na deposição fundacional parecem esteticamente influenciados por uma corrente regional que se terá desenvolvido a partir do Bronze Final, onde a área setentrional da Península Ibérica e as suas estelas de determinado tipo de figuração humana são um exemplo. As figuras humanas de estelas da Idade do Bronze como da Herdade do Pomar em Beja, Alamillo e Magacela⁶⁹ e Ategua (Córdoba)⁷⁰ mostram corpos muito esguios, sem volumetria, onde os membros são geralmente compostos por um traço simples. Esta simplicidade, é visível na decoração antropomórfica do recipiente 474, em que os corpos humanos são indicados através de traços e em que a cabeça se encontra ausente ou inclusa no tronco. Assim, este recipiente apresenta uma pasta cerâmica comum na Pré-História, a par de uma decoração que remete para uma estética simplificada do Bronze Final.

A temática decorativa deste recipiente é o elo que indica a abrangência social do rito fundacional, remetendo-nos para um evento onde participaram vários indivíduos unidos, «de mãos dadas», em torno de um objetivo comum. Uma das características fundamentais deste ato é materializada através da decoração onde podemos observar que o rito fundacional dependia da presença de toda a comunidade.

5. NOTAS FINAIS

Tendo como base a documentação arqueológica decorrente da escavação do Crasto de Palheiros e, igualmente, o estudo dos diversos tipos de materiais exumados, propusemos a interpretação de alguns contextos da área habitacional do Talude Leste como correspondendo tanto ao ato ritual fundacional/consagração do povoado, como à sua recon-sagração, esta visível na repetição, quiçá cíclica, de cerimónias formalizadas, envolvendo o fogo. E envolvendo a deposição de materiais, nomeadamente recipientes cerâmicos, fragmentos cerâmicos e artefactos metálicos.

Dissertámos ainda sobre a pertinência cronológica e cultural da integração, ou melhor, da associação num mesmo ato, num mesmo tempo, de materiais cujas características formais e decorativas remetem para outros tempos e/ou outras culturas, geograficamente próximas ou distantes. Em suma, procurámos dar a entender a realidade sociocultural e política que permearia esta comunidade do norte de Portugal desde o séc. VI-V a. C. à viragem da Era, os seus modos de reprodução social através de ações muito formalizadas que podemos classificar como rituais coletivos públicos, já que teriam envolvido não somente uma calendarização — para criar o tempo do ato público e/ou reafirmar a sua ciclicidade — e uma participação coletiva, como os gestos, ou sequência de alguns gestos que terão saído do contexto das ações rotineiras.

⁶⁹ GARDETE, 2015.

⁷⁰ NARANJO, 2020.

AGRADECIMENTOS

Agradece-se à doutora Júlia Silva a revisão carinhosa da primeira versão do texto, e aos dois revisores anónimos, os seus contributos para o enriquecimento do texto final.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMAGRO-GORBEA, Martín *et al.* (1996). *Antropomorfo sobre cerâmica de la 1 Edad del Hierro de la Meseta*. «Complutum». 7, 141-146.
- ÁLVAREZ SANCHÍS, Jesus (1999). *Los vettones*. Madrid: Real Academia de la Historia.
- BACHELARD, Gaston (1978). *A poética do espaço*. Tradução de Antônio da Costa Leal e Lídia do Valle Santos Leal. São Paulo: Abril Cultural.
- BETTENCOURT, Ana M. S. (2003). *Expressões simbólicas e rituais da Idade do Ferro do Noroeste de Portugal*. In JORGE, Vítor Oliveira, coord. *Arquitectando Espaços: da natureza à metapolis*. Porto: FLUP, CEAUCP, pp. 131-150.
- CARDOSO, João Luís (2005). *Restos faunísticos do Crasto de Palheiros (Murça)*. *Contributo para o conhecimento da alimentação no Calcolítico e na Idade do Ferro do Nordeste português*. «Portugalia». Nova série. 26, 65-75.
- CARDOSO, João Luís (2011). *Deposições rituais de vasos cerâmicos em contextos domésticos: os exemplares do povoado calcolítico fortificado do Outeiro Redondo (Sesimbra)*. «Revista Portuguesa de Arqueologia». 14, 85-106.
- CARRASCO, José Luis Escacena (2018). *Orantes neolíticos de Andalucía. Imágenes sobre vasijas de cerámica*. «Boletín del Museo Arqueológico Nacional». 37, 25-42.
- CARVALHO, António Faustino (2011). *Produção cerâmica no início do Neolítico de Portugal*. «SAGVNTVM Extra». 12, 237-250.
- GARDETE, Filipe Miguel Martins (2015). *As estelas decoradas da Idade do Bronze Final do território português: sistematização e problemáticas sócio-culturais*. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Dissertação de mestrado.
- LEMOS, Francisco Sande; CRUZ, Gonçalo (2008). *Muralhas e guerreiros na Proto-História do Norte de Portugal*. In LUÍS, Luís, coord. *Actas do III Congresso de Arqueologia de Trás-os-Montes, Alto Douro e Beira Interior*. Porto: Associação Cultural Desportiva e Recreativa de Freixo de Numão, pp. 8-28. Vol. 03-Proto-história e romanização. Guerreiros e colonizadores.
- NARANJO, Pedro Miguel (2020). *Las escenas de orantes o danzantes durante la Primera Edad del Hierro en la Península Ibérica: a propósito de un fragmento pintado estilo San Pedro II de Alarcos (Ciudad Real)*. «Cumplutum». 31:1, 97-109.
- NEVES, Dário; FIGUEIREDO, Sofia Soares (2015). *Quinhentas placas gravadas da Idade do Ferro do sítio fortificado do Castelinho (Nordeste Portugal): temas figurados e padrões de distribuição*. In COLLADO GIRALDO, Hipólito; GARCÍA ARRANZ, José Julio, coords. *XIX International Rock Art Conference. Symbols in the Landscape: Rock Art and its Context*. Tomar: Instituto Terra e Memória, pp. 1589-1605. (Arkeos; 37).
- PEREIRA, Maria Helena da Rocha, ed. (2007). *Vasos gregos em Portugal: aquém das Colunas de Hércules [exposição, Museu Nacional de Arqueologia, 2007]*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia/ Instituto Português dos Museus.
- PINTO, Dulcineia B. (2008). *Os artefactos metálicos da Idade do Ferro do Crasto de Palheiros — Murça, Norte de Portugal: Breve introdução à gramática decorativa dos adornos metálicos do Nordeste de Portugal*. «Revista Douro. Vinho, História & Património». 1, 289-332.

- PINTO, Dulcineia B. (2012). *O Crasto de Palheiros na Idade do Ferro. Contributo da aplicação de uma nova metodologia no estudo da cerâmica*. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Tese de doutoramento.
- PINTO, Dulcineia B. (2019a). *Contributos para a imagética decorativa dos recipientes cerâmicos da Idade do Ferro de Trás-os-Montes: entre a meseta e o litoral português*. «Portugalia». Nova série. 40, 33-58.
- PINTO, Dulcineia B. (2019b). *A região de Bragança durante a Idade do Ferro. Do Bronze Final à conquista do território pelos Romanos*. In SOUSA Fernando de, ed. *Bragança. Das origens à revolução liberal de 1820*. Bragança: Município de Bragança, pp. 75-130.
- TENREIRO-BERMÚDEZ, Marcial; MOYA-MALENO, Pedro (2018). *Sacrifício, circunvalação e ordália na Hispânia céltica: uma aproximação em longue durée à ritualidade do espaço e o tempo*. «Tempo». 24:3, 652-686.
- SANCHES, Maria de Jesus, coord. (2008). *O Crasto de Palheiros (Fragada do Crasto, Murça-Portugal)*. Murça: Município de Murça.
- SANCHES, Maria de Jesus (2016). *Animal bones, seeds and fruits recovered from Crasto de Palheiros. A contribution to the study of diet and commensality in the recent Pre-History and Iron Age of Northern Portugal*. In VILAÇA, Raquel; SERRA, Miguel, eds. *To feed the body, to nourish the soul, to create sociability. Food and commensality in pre and protohistoric societies*. Coimbra: CEPBA/IAFLUC/Palimpsesto, pp. 79-119.
- VILAÇA, Raquel (2007). *A Cachouça (Idanha-a-Nova, Castelo Branco). Construção e organização de um caso singular de inícios do I milénio AC*. In JORGE, Susana Oliveira et al., ed. *A concepção das paisagens e dos espaços na Arqueologia da Península Ibérica, Actas do IV Congresso de Arqueologia Peninsular*. Faro: Universidade do Algarve, pp. 67-75.

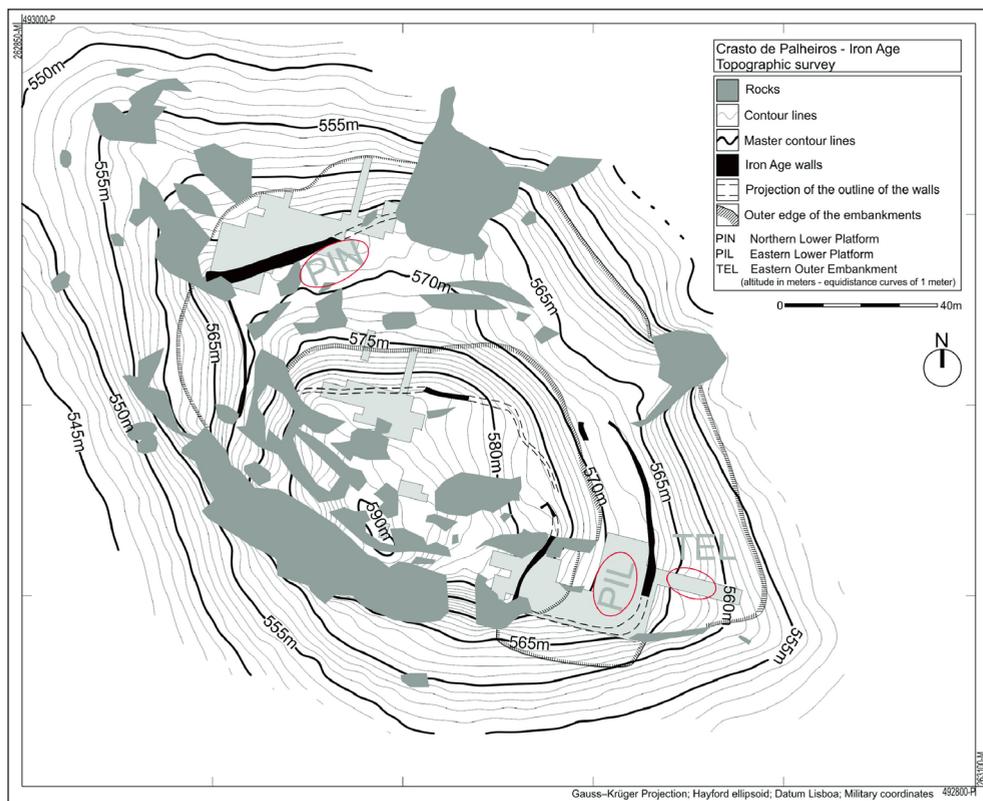


Fig. 1. Levantamento topográfico do Crasto de Palheiros, tendo localizado o Talude Exterior Leste — TEL (imagem elaborada por Rafael Morais)

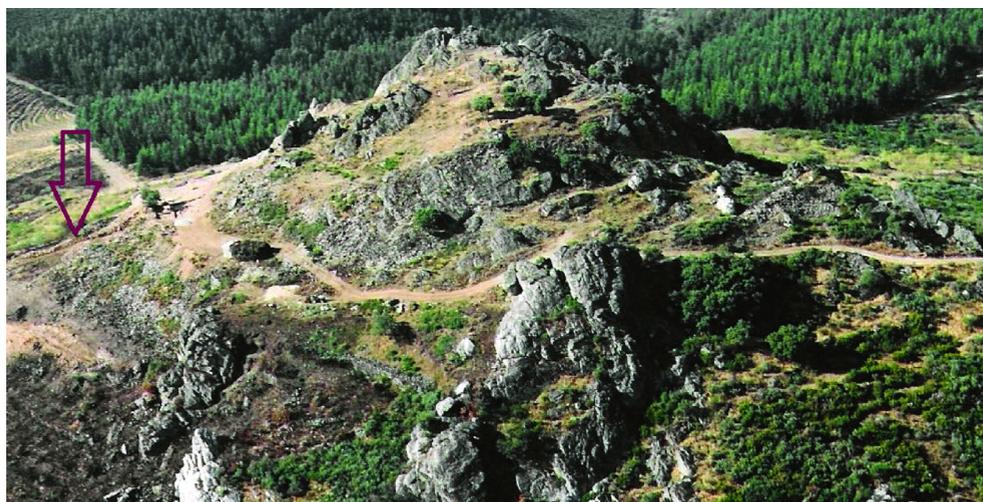


Fig. 2. Fotografia aérea do Crasto de Palheiros com o Talude Exterior Leste assinalado, estando a Plataforma Inferior Leste, que lhe é espacialmente contígua, na zona das árvores



Fig. 3. Vista geral da área leste do Crasto de Palheiros, Talude Exterior Leste (atravessado lateralmente por passagem serpenteante) e plataforma adjacente na zona das árvores (Plataforma Inferior Leste)



Fig. 4. Plataforma (B) no TEL onde podemos visualizar a área de deposição dos recipientes 475 e 476 (mancha escura à direita). Fotografia tirada de dentro para fora do povoado

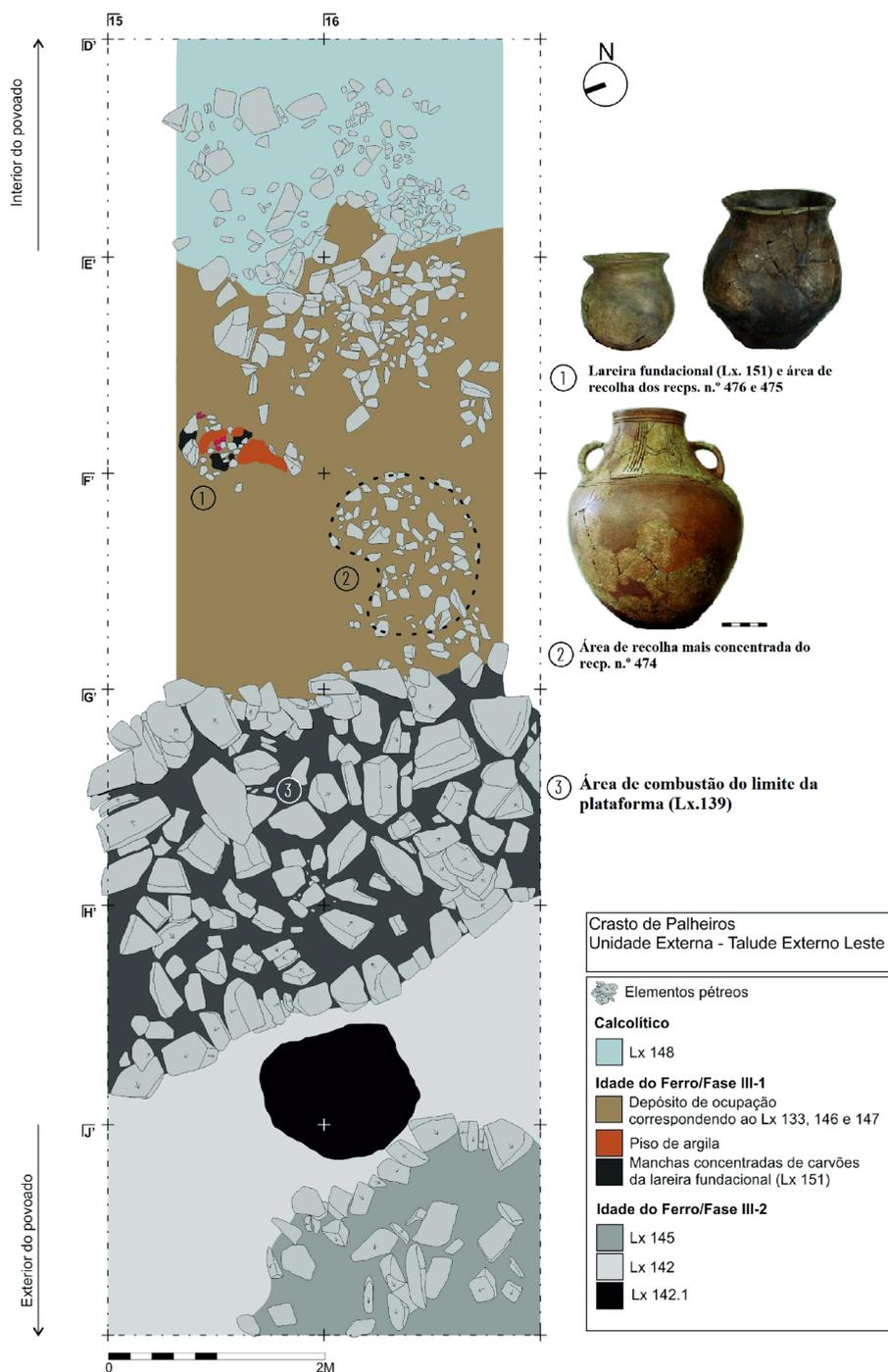


Fig. 5. Planta da área habitacional/plataforma artificial do Talude Leste (Plataforma B) que inclui os estratos relativos à consagração (1, 2 e 3)

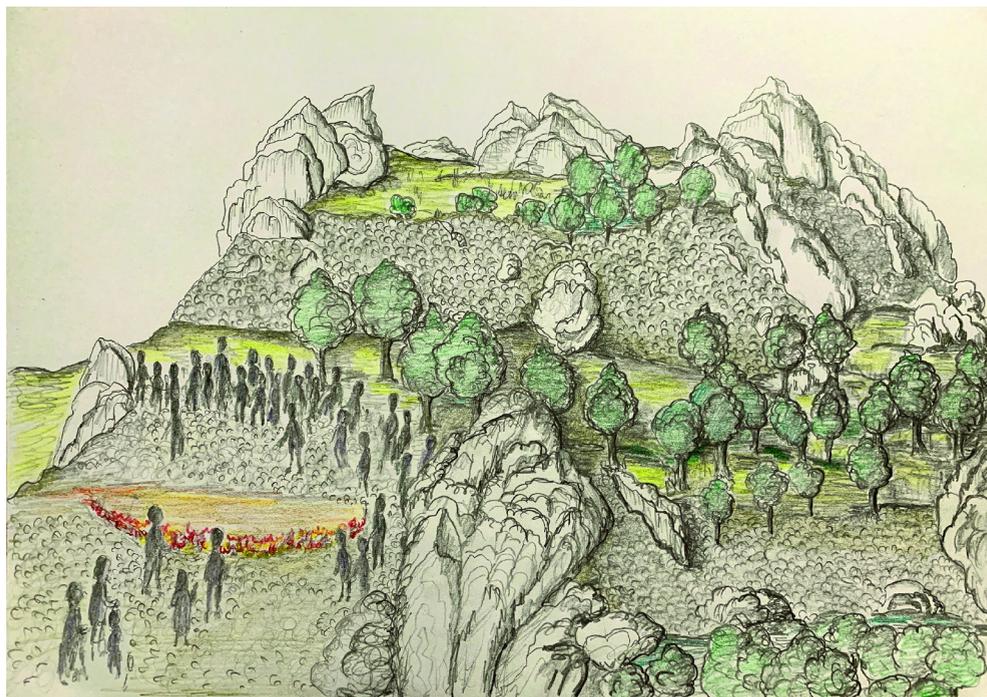


Fig. 6. O rito fundacional da área habitacional do Talude Exterior Leste, com o anel de fogo realizado na consagração (simulação interpretativa)



Fig. 7. Fragmentos dos vasos 475 e 476 depositados, lado a lado, na área de combustão (estrato Lx. 151)



Fig. 8. Limite da plataforma correspondente ao contexto 139. Podemos visualizar as terras enegrecidas por entre as pedras do limite da plataforma

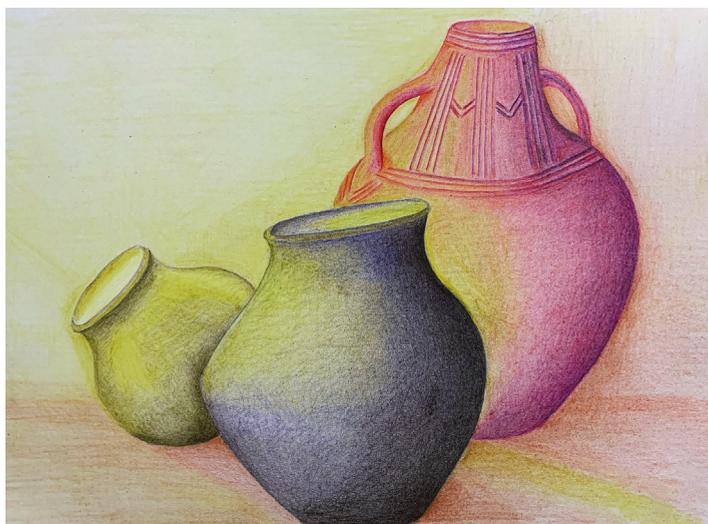


Fig. 9. A «imagem poética» presente no rito fundacional

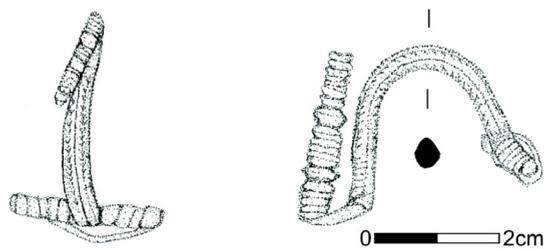


Fig. 10. Fíbula de apêndice caudal (tipo Transmontano)



Fig. 11. Fíbula em ómega